

O tédio da maturidade

Eleição Presidencial

JOSÉ NÊUMANNE

JORNAL DA TARDE

Se os institutos de pesquisa estiverem certos, esta eleição presidencial tem tudo para terminar em uma semana, logo no primeiro turno, quando o candidato favorito nas pesquisas, Fernando Henrique Cardoso, da coligação PSDB-PFL-PTB, pode vencer por antecipação. Mesmo que dure mais um mês e a decisão seja adiada para um eventual segundo turno, uma coisa parece fadada a não sofrer alteração: este deve ser o pleito presidencial mais previsível, cacete e sem graça da história recente da República.

Sem querer desmerecer as glórias de quem vier a ganhar nem reforçar essas teses malucas de ilegitimidade, levantadas por gente que não sabe perder, é preciso reconhecer que o atual processo eleitoral foi tedioso desde o início. Refiro-me àquela época, hoje aparentemente remota, mas, na verdade, não tão distante assim, na qual todos apostavam na vitória certa de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, que desfilava na frente das pesquisas quando elas valiam pouco e agora esperneia o quanto pode para não morrer de véspera, feito peru de festa.

É verdade que, no começo, o hoje favorito Fernando Henrique fez a festa dos adversários, produzindo tiradas impagáveis, como aquela da iniciação à buchada de bode nordestina em bistrôs parisienses ou outra, a

das pegadas de seus ancestrais nas proximidades de fogões, fornos e panelas. Seriam, porventura, tempos bons aqueles nos quais o Brasil não era ainda, para Lula em desespero, uma republiqueta de bananas, mas um eventual abacaxi a ser descascado com a peixeira do poder na copa do Palácio do Planalto?

lhado erudito que faz parte da graça do romance **O Púcaro Búlgaro**, de Campos de Carvalho, lançado pela Editora Civilização Brasileira, em pleno ano de muito pouca graça de 1964.

As cândidas confissões de frei Ricupero no confessionário público das parabólicas são, como os bilhetes do Stepanovicinsky da vida real, antológicas e mere-

esperada, é indigno da história recente da democracia brasileira e da biografia do próprio autor.

Mesmo irritado e calunioso, tal texto, contudo, não tirou o processo eleitoral do pântano da pasmeira. Isso não significa algo de obrigatoriamente maléfico. As disputas eleitorais emocionantes são mais próprias dos regimes infanto-juvenis do que das democracias amadurecidas. O ritmo enfadonho desta eleição presidencial pode ter sido causado, em parte, por uma legislação castradora da criatividade na propaganda eleitoral gratuita nos meios de comunicação e, também, pela escassez de recursos de partidos e coligações litigantes.

Mas o tédio deve ser, também, um sinal positivo de maturidade, uma espécie de diploma de bom comportamento da democracia brasileira, que pode até ainda ser frágil e desprovida de instituições, mas reflete, cada vez mais, o retrato fiel da sociedade, ao contrário do que denuncia o candidato do PT, em seu prévio reconhecimento da derrota anunciada.

ESTE DEVE SER O PLEITO
PRESIDENCIAL MAIS PREVISÍVEL,
CACETE E SEM GRAÇA DA
HISTÓRIA RECENTE DA REPÚBLICA.

27 SET 1994

Nesse campo da tragicomédia, não deve ser esquecida uma personagem que entrou pelas portas dos fundos da crônica desta eleição, o ex-ministro do Planejamento e das Minas e Energia Alexis Stepanenko, com seus bilhetinhos inoportunos, que pareciam escritos pela assessoria do PT para serem apresentados como provas contra o candidato do governo na Justiça Eleitoral. Stepanenko, que, por conta de suas trapalhadas, recebeu um apelido jocoso, neologismo reunindo seu nome a um adjetivo pouco abonador de sua inteligência, lembra uma personagem da literatura humorística brasileira. Ele é o próprio professor Radamés Stepanovicinsky, o guloso e atrapa-

ceriam figurar na História do Brasil, se esta eleição estivesse sendo disputada com menos folga. Infelizmente para a oposição, a desastrada entrevista fará parte apenas do folclore político, caso Sebastião Nery queira ressuscitar aquelas perólas de nosso humor jornalístico.

A eleição, que começou com Fernando Henrique montado num cavalo confundido com jêgue por sua reduzida complexação física, corre o risco de ter, nesta fase final, o tom raivoso, equivocado, despeitado e insultuoso para com a Nação brasileira do artigo escrito por seu adversário para a revista **Cam-bio 16**. O artigo em questão, anunciando uma fraude que não houve, não haverá nem é

O AUTOR

José Nêumanne,
jornalista e
escritor, é
autor de
Veneno na Veia.

